A Luta Operaria

EM GRÉVE

ara maior salario, mais repouso e pelo direito de associação

O movimento da Construcção Civil

Ainda se mantém no mesmo é a parede dos camaradas tra-lhadores em madeiras, a qual ve o seu inicio, como se sabe, a serraria Lameirão & C., pelas anões já enunciadas *n'A Plebe*.

A intransigencia do lado operário é a prova frisante de que greve será victoriosa, porquanto fosse possivel aos industriaes zerem-n'a fracassar, o golpe na rganização que o facto traduziria llocava os grevistas em condi-ões moraes e economicas as mais gradantes e deprimentes.

Portanto, companheiros, um ouco mais de perseverança e nacidade na lucta e os nossos imigos dobrarão a cervix ! Con a a força é absurda qualquer sistencia E a força temol-a is. E' só sabel-a usar.

***

As serrarias que estão paraly-das são as seguintes :

Marco, Braz e S. José, Santisi, nião, 15 de Novembro, Foster, liança, Dourado, Krug, Fiora nti, Santa Izabel, além de outras e nos não occorrem.

***

A maioria das tornearias e fa-icas de moveis, tambem a bra-s com a parede operaria, já tendeu as reclamações que lhe ram formuladas. Foi melhor im. Ao menos não tiveram prichos dispendiosos . .

***

Na séde da Construcção Civil alizam-se diariamente reuniões s companheiros grevistas, as aes decorrem sempre muito imadas.

Os canteiros

Reorganizam-se e agitam-se

Os canteiros de S. Paulo, que tempos foram dos mais acti-os e energicos defensores dos s direitos, para o que muito am uma solida organisação syn-tal, têm vivido nos ultimos an-s numa situação de miseria de-adora e degradante.

Os industriaes gananciosos e pre-tentes, prevalecendo-se da mão te que lhes dava o governo e a ncia, de tal modo moveram erra de exterminio a esses com-heiros que não só a sua asso-ção derruiu como tambem el-proprios ficaram reduzidos á potencia.

De então para cá, os canteiros serviram-se apathicos e indo-te e o seu mal estar aggre-va-se de dia para dia, a ponto estabelecer nos seus lares o imen do jejum e da privação i mais comezinhos confortos.

Tal estado de coisas era, entre-to, impossivel de sustentar-se ehindamente. E, com effeito, os teiros conscientes de então a a parte não cessaram de rea-centra o commodismo e a co-dia de tantos, havendo se com criterio que, ha pouco, resur-entre nós a sua organização dical, iniciando logo uma pha-de actividade profiqua e fru-osa.

Dentre outras reclamações já muladas e obtidas, a União dos teiros do Estado de S. Paulo ha dias mais esta, a todos os ustriaes :

1.º — Augmento de 1$ por dia ada trabalhador, que ganhar nos de 8$500, de accordo com abella adoptada por outros pa-es ;

2.º — Pagamento quinzenal, o preceituam os estatutos so-s, ou seja, no maximo, nos 2 e 17 de cada mez.

EM LAGEADO

Syndicato dos Canteiros

egundo communicação que ebemos do Syndicato dos teiros de Lageado, acceita-estejam inactivos ali podem ir procurar trabalho.

Tambem por informação do mesmo Syndicato, sabemos que em Sabaúna está constituido o nucleo associativo dos canteiros dali, havendo entre os mesmos grande interesse pela defesa dos seus direitos.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Uma importante assembléa dos tecelões

Concorrida, como poucas, esteve a assembleia de domingo na succursal do Belemzinho.

A sessão presidida pelo companheiro José Auluci, e secretariada por Alberto Giuliano.

Falaram diversos oradores, que discutiram e approvaram as seguintes propostas :

1.º — Conceder um subsidio aos companheiros da Companhia Paulista de Aniagem, durante o tempo que perdurar sem trabalho.

2.º — Dar um voto de louvor a A PLEBE pela maneira intrepida como tem defendido os direitos trabalhadores.

3.º — Organizar commissões que deverão representar as fabricas nos festejos pro PLEBE, no Jardim da Acclimação.

3.º — Bolcotar a Companhia Paulista de Aniagem, para que nenhum operario acceite serviço naquella fabrica, emquanto seus directores não pedirem a intervenção da União.

4.º — Collocar, na medida do possivel, os operarios da Companhia Paulista de Aniagem, em outras fabricas por terem os carranças *penteados*, hypocritamente communicado á imprensa que não havia mais greve na sua fastilha, em vista de ter resolvido paralyzar os trabalhos por tempo indeterminado.

5.º — Promover organização dos tecelões das differentes cidades onde não existam ainda nucleos de resistencia.

A reunião terminou cerca do meio dia, sendo extraordinaria á animação com que decorreram todos os trabalhos.

Uma animada reunião dos operarios da Cia. do Gaz

Esteve bastante animada a sessão de domingo que os gazistas realizaram no salão Almeida Garret. Depois dum companheiro ter exposto os fins da assembleia, passou-se á discussão e approvação dos estatutos, que soffreram ainda ligeiras modificações na parte que se refere á eleição para cargos administrativos de chefes ou encarregados de secções na Companhia.

Um delegado da Federação Operaria referiu-se ás vantagens da associação,demonstrando a sua efficiencia na luta de emancipação economica. Dentro da mesma ordem de ideias falaram varios associados e trocaram-se impressões sobre a situação da classe em face da actual carestia da vida.

Foi resolvido finalmente que logo [illegible] estatutos [illegible] em [illegible] lectivo [illegible] dos [illegible] sessão aos vivas aos trabalhadores.

Uma proveitosa assembleia dos sapateiros

Reniram-se domingo, ás 9 horas, em sua séde, os companheiros da União dos Artifices em Calçado.

Florentino de Carvalho, fazendo uso da palavra, discorreu brilhantemente sobre *A nova Internacional do Trabalho*, caracterisando as suas considerações profunda impressão na numerosa assembleia.

Em seguida, e para contrabalançar os boatos tendenciosos sobre os fundos sociaes, foram os socios convidados a

O apparecimento d'A PLEBE diaria foi motivo de grande regosijo entre os sapateiros, que resolveram propagal-a entre os membros da sua classe.

Tambem a boicotte contra a Companhia Antarctica foi largamente discutida pela assembleia, sendo deliberado que todos déssem o seu apoio a essa campanha de justissima repressalia.

Por ultimo, foi dado aviso á classe para estar alerta contra as perseguições policiaes, tomando a attitude que fôr julgada consentanea no momento, e bem assim concitar todos aquelles que se acham ainda dissociados a fazerem-n'o quantos antes, no seu proprio interesse.

Terminou a reunião no meio de indescriptivel enthusiasmo, sendo erguidos muitos vivas ao operariado.

Os ferroviarios da Lapa

Reuniram-se sabbado, ás 19 horas, os ferroviarios residentes na Lapa, que deliberaram boicotar a Antarctica, approvar os estatutos sociaes e reagir contra quaesquer violencias policiaes.

Foi uma bella sessão de propaganda, tendo usado da palavra um delegado dos tecelões e outro dos metallurgicos.

Os vidreiros de A. Branca organizam-se

Afim de constituir a succursal da União dos Operarios em Fabricas de Vidros e Crystaes, realizou-se domingo, na Agua Branca, uma concorrida reunião dos companheiros do logar, ficando constituida uma commissão para continuar com os trabalhos da organização.

Amanhã, ás 19 horas, e com o mesmo objectivo, haverá em Agua Branca uma nova reunião.

União dos operarios das Fabricas de Vidros

Está convocada para as 19 horas de hoje, em sua séde á rua de S. Leopoldo, 70, uma assembleia geral da classe dos operarios de fabricas de vidro e crystallerias.

A questão parte dos trabalhos um representante da Federação Operaria e varios delegados doutras organizações.

A jornada dos ferroviarios em Jundiahy

Foi coroada de pleno exito a jornada, a Jundiahy, dos delegados da União Geral dos Ferroviarios, com séde geral nesta capital.

A séde da reunião encheu-se literalmente de operarios daquella cidade, falando diversos companheiros que salientaram o valor da solidariedade e da unidade de vistas de todos os trabalhadores.

Para levar por diante a arregimentação dos ferroviarios jundiahyenses constituiu-se uma commissão, tendo sido proclamada a fundação do departamento local.

Domingo haverá mais uma assembleia para tratar do mesmo assumpto, e para assistir a ella irão de S. Paulo delegados da Federação Operaria e da U. G. dos Ferroviarios.

Muito bem ! E nada de desanimar...

SOB O CUTELLO DE THEMIS

Ainda hontem [illegible] funccionou [illegible] [illegible] [illegible]

"O povo não tem o que dizer nem sabe como falar."

Eis aí uma síntese de frases que depreciam a forma e o conteúdo das coisas ditas por membros das camadas populares de diversas sociedades. Desprezar a maneira como as pessoas mais pobres falam é um componente fundamental das múltiplas formas de discriminação, opressão e exclusão materiais e simbólicas que atingem mulheres e homens marginalizados ou relegados à miséria. Além disso, a desqualificação de suas formas de expressão consiste em contorno, deslegitimação e menosprezo do que dizem. Mais do que costumamos imaginar, nós reproduzimos esse tipo de violência e concentramos nossa atenção no que haveria de erro ou de deselegância na fala inferiorizada. Assim, ajudamos a consolidar consensos que justificam e naturalizam as desigualdades e injustiças sociais.

Esse tipo de discriminação não é novidade. O preconceito linguístico e o ódio de classe são hoje mais conhecidos do que nunca. Mas nem sempre lhes são dedicadas reflexões e análises que consideram suas articulações e que examinam a longa duração histórica de sua formação, de sua reprodução e de suas modificações. Um exame desse tipo é produtivo e necessário, porque os estigmas relacionados à fala das camadas populares ultrapassam as fronteiras do tempo histórico e do espaço social. Desde a Antiguidade

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 11 10/03/2026 11:32

até às atuais sociedades pós-industriais, são muitos e constantes os registros dessa ordem de violência, ainda que, ao longo da história, suas manifestações tenham passado por consideráveis transformações, variando conforme a época e o lugar, ou seja, segundo processos históricos distintos e relações sociais diversas.[1]

Cabe lembrar que, normalmente, os preconceitos costumam ser atribuídos diretamente àqueles que são considerados diferentes e, por extensão, estranhos e inferiores, porque pertencem a outras classes, a outros lugares, a outras configurações socioculturais. Em suma, trata-se aí de uma recusa da diferença alheia, mas também de uma busca de distinção de si. Quando avaliamos de maneira negativa as formas de expressão linguística que se distanciam real ou imaginariamente de nossa realidade social, ignoramos que as línguas estão em constante processo de modificação e que as pessoas costumam adaptar a forma como se expressam às suas práticas cotidianas. Além disso, esse tipo preconceito sempre está relacionado à forma como as pessoas de classes sociais e espaços menos privilegiados se manifestam. Isso porque a fala dos mais ricos e dos habitantes mais instruídos dos grandes centros urbanos quase nunca é estigmatizada, ao contrário do que ocorre com os subalternizados e com aqueles que têm pouco ou quase nenhum capital econômico, social e cultural e que vivem no campo ou nas periferias.

Todas as línguas variam no espaço e se modificam no tempo. Desde a segunda metade do século XIX, a linguística já tinha promovido uma pequena grande revolução, ao avançar este princípio: não há uma língua que seja superior à outra. Todas elas têm formas e meios para falar do mundo e interagir com outrem. Cerca de cem anos mais tarde, se consolidaria outra constatação revolucionária: não há

1 Refletimos sobre a longa história das constâncias e variações da discriminação da fala popular em Piovezani (2020). A propósito do preconceito linguístico, ver Bagno (2015).

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 12 10/03/2026 11:32

uma maneira de falar que seja superior à outra. De fato, numa comunidade linguística, sempre haverá diversos modos de fala. A sociolinguística dirá que em toda língua há várias normas. Não existe nada intrinsecamente linguístico que faça com que a norma padrão seja melhor do que a popular ou qualquer outra com menos prestígio social. Uma vez mais, são as relações de poder no plano geopolítico e no interior das sociedades que criam e fortalecem padrões estéticos e juízos de valor. São estes últimos que inventam a superioridade e a inferioridade onde efetivamente há apenas diferenças. A variação linguística e as avaliações a seu respeito já foram e continuam a ser estudadas pela sociolinguística,[2] mas os enunciados e os textos em que se materializam o preconceito linguístico ligado ao ódio de classe foram poucas vezes examinados pelos estudos discursivos. Esse é, em boa medida, o objeto ao qual nos dedicamos aqui, ou seja, aos negativos juízos de valor que detratam a expressão popular, principalmente a fala pública dos sujeitos das classes populares.

Além dessa justificativa acadêmica, há uma razão social para a análise que faremos adiante de discursos do preconceito de linguagem contra a expressão popular. Essa razão consiste na necessidade de reiterar e divulgar a seguinte tese, que já sustentamos em outra obra:[3] em sociedades nas quais a desigualdade e a injustiça social, econômica e racial são exacerbadas, se reproduzem e se consolidam mais intensa e extensamente vários meios de calar e menosprezar tanto os discursos que reivindicam sua transformação quanto os modos de dizer daqueles que elas excluem. Tais meios de silenciamento e menosprezo se radicalizam em condições públicas de fala, nas quais há conjunção entre tais discursos em defesa do povo e sua materialização em meios populares de expressão. Sabemos

2 *Cf*. Lucchesi (2015).

3 Piovezani (2020, p. 246).

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 13 10/03/2026 11:32

que a sociedade brasileira é profundamente marcada pelo funcionamento desse mecanismo. É por esse motivo que por aqui as formas populares de expressão são tão depreciadas, caladas e excluídas, sobretudo quando se projetam no espaço público em defesa dos subalternizados e carregam consigo potencial transformador.

A história do Brasil e a sociedade brasileira são constituídas por um amplo e profundo lastro de opressões. O colonialismo, a escravidão e as ditaduras são processos e fenômenos que formaram nossas relações sociais e que ainda condicionam profundamente as atuais formas de distribuição de trabalho e os consensos e conflitos de nossos dias. Esse histórico de formação assentado na violência e eivado de discriminações e humilhações, de torturas e assassinatos produziu e continua produzindo descompromisso e insensibilidade social com a vida das maiorias minorizadas. As pessoas que pertencem às classes e grupos marginalizados praticamente não têm valor ou só o têm quando se encontram na condição de objeto superexplorado de trabalhos alienados e alienantes. Elas simplesmente não são reconhecidas integralmente como seres humanos. Lançadas e mantidas nessa condição subumana, como rebaixadas e oprimidas poderiam acreditar que querem, sabem e podem falar com sua própria voz e em nome de suas próprias causas? O grande e inegável reforço das depreciações da linguagem popular é um elemento decisivo e poderoso da conservação dessas estruturas históricas e dessas conjunturas sociais de injustiça e desigualdade.

Certamente nosso presente e nosso futuro não passam incólumes por nosso passado. Experiências históricas terríveis e traumáticas como o processo de colonização e seu sistema de produção escravocrata deixam marcas profundas nas gerações posteriores e se perpetuam de diversos modos no pensamento, nas ações e nos discursos dos sujeitos de uma sociedade que foi forjada por essas

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 14 10/03/2026 11:32

experiências. Sabemos das diferenças entre a colonização de exploração e a colonização de povoamento. A primeira foi adotada na maior parte da América Latina e do continente africano, enquanto a segunda foi posta em prática na América do Norte e na Austrália. Aquela que se estabeleceu no Brasil e formou nossa sociedade se caracteriza pelo fornecimento de matéria-prima e mão de obra escravizada, de acordo com os interesses mercantilistas da metrópole, ao passo que a implantada nos EUA e no Canadá, por exemplo, é marcada pelo povoamento do território colonizado com pessoas vindas da própria metrópole, que irão desenvolver atividades agrícolas e comerciais decisivas para o desenvolvimento local.[4]

O sistema colonial instaurado no Brasil foi responsável pela vida subumana, por violências atrozes e pela morte bárbara e prematura de milhões de pessoas negras e indígenas. Esse quadro de pleno horror perdurou por quase quatro séculos. Conforme também sabemos, quando se deu a abolição da escravatura não houve nada próximo de alguma solidariedade com as trabalhadoras e trabalhadores escravizados. Ela ocorreu mediante pressão internacional, realizada por parte das grandes potências industriais europeias, para que fosse formada uma massa de trabalhadoras e trabalhadores assalariados, isto é, um público consumidor e um exército de reserva que aceitasse quaisquer condições de trabalho que lhe fossem oferecidas. De qualquer forma, apesar de representar um importante marco, a abolição da escravidão realizada no Brasil não contou com qualquer tipo de planejamento de reparação histórica,

4 *Cf*. Prado Júnior (1953, p. 13-26). Além do que já mencionamos, há ainda a seguinte diferença entre as duas formas de colonização: a de exploração visava a extrair recursos naturais e metais preciosos das colônias para a metrópole, utilizando mão de obra barata e escravizada. Assim, as colônias eram controladas política e economicamente pela metrópole. Já a de povoamento tinha o objetivo de fixar colonos europeus no território colonial, no intuito de desenvolver a agricultura familiar e a pecuária para o mercado interno. Por essa razão, as colônias de povoamento tinham maior autonomia política e econômica, reservando um menor controle à metrópole.

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 15 10/03/2026 11:32

de modo que, ainda hoje, os descendentes dos escravizados sofrem constantemente com a conservação ora mais ora menos modificada de práticas e pensamentos daquele período. Por isso, seus corpos e suas culturas, suas falas e suas vozes continuam a ser objeto de muito discriminação.

Durante o período de escravidão, do ponto de vista da metrópole e dos senhores de escravos, a modernização do sistema de produção era anunciada como algo inviável, porque que a compra de trabalhadoras e trabalhadores escravizados teria lhes custado um alto investimento. O tráfico transatlântico de seres humanos envolvia uma transação comercial que tinha de ser paga à vista, de forma que não sobrava capital para que se investisse em maquinário ou em qualquer outro tipo de tecnologia industrial. Além disso, para que um trabalhador fizesse uso de uma máquina, era necessário que, antes de seu manuseio, ele passasse por um processo de aquisição do conhecimento técnico, que o tornasse apto ao desempenho de determinada função. Evidentemente, não convinha nem interessava aos proprietários e tampouco aos traficantes de pessoas, destinadas a serem reduzidas à condição de trabalhadoras e trabalhadores escravizados, lhes permitir acesso a qualquer tipo de instrução.

Submetidas à escravidão, essas pessoas não formavam um público consumidor, uma vez que não contavam com remuneração financeira e que apenas dispunham do necessário para se manter vivas e em condições de produzir. Mais do que isso: não havia praticamente nenhuma possibilidade de que elas participassem da vida política da sociedade em que tinham sido lançadas na miséria econômica e social. Ademais, os escravagistas investiam quantias consideráveis em vigilância, no intuito de garantir que esses trabalhadores e trabalhadoras seguissem produzindo ininterruptamente e que não cometessem suicídio. Assim, com exceção das difíceis práticas de resistência, suas expe-

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 16 10/03/2026 11:32

riências e atividades de linguagem eram reduzidas ao silêncio quase absoluto e à obediência das ordens.

Mais tarde, mudaríamos para não mudar. Como dissemos, o sistema de produção escravocrata seria substituído pelo capitalista. Essa substituição não se deu por nobres razões. Diferentemente de um escravizado, um trabalhador assalariado não representa qualquer custo ao patrão, porque ele não é pago à vista e passa a receber a reduzidíssima retribuição pela enorme força de trabalho que despendeu, apenas depois de um mês de produção. Soma-se a isso o fato que seu salário não representa mais que uma pequena fração da quantia que produziu. Além disso, assim como costumava ocorrer com um trabalhador escravizado, o assalariado, principalmente durante os primeiros anos de industrialização, recebia como salário tão somente uma quantia suficiente para que pudesse se manter vivo e produtivo. Mas a maior vantagem do modelo capitalista para os capitalistas era, sem dúvidas, a de que os assalariados não eram rebeldes, nunca empreendiam fugas das oficinas e das fábricas. Muito pelo contrário: eles eram obrigados a desejar intensamente um emprego, a partir do qual conseguissem os meios necessários para o sustento de si mesmos e de suas famílias. Dessa forma, o dinheiro recebido por membros da classe trabalhadora sob a forma de salário servia somente para comprar os produtos que eles mesmos ou seus colegas fabricavam. Isso criava um círculo vicioso, responsável por fazer com que o dinheiro retornasse aos bolsos do patrão.

No início do processo de industrialização, as condições de trabalho eram ainda piores do que são hoje, pois os operários passavam até 18 horas nas fábricas, oficinas e lavouras, os salários eram péssimos e crianças, mulheres grávidas e idosos realizavam trabalhos exaustivos. Nesse cenário, as revoltas eram inevitáveis. O Reino Unido e a França foram os primeiros a adotar o capitalismo industrial em meados do século XVIII, e, por lá, as revoltas

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 17 10/03/2026 11:32

proletárias foram imediatas. Na América Latina, a industrialização ocorreu bem mais tarde. Afinal, para que o centro do capitalismo pudesse avançar em seus processos industriais, ele explorava a matéria-prima e a mão de obra escravizada das periferias, representadas pelas colônias de exploração. No entanto, tão logo o capitalismo industrial se consolidou por aqui, as revoltas começaram a despontar. A Greve Geral de 1917 é um dos principais movimentos de insurreição ocorridos nesse período. No ano de 1917, o Brasil ainda não era plenamente industrializado e a abolição da escravatura ainda não havia completado sequer três décadas. Em suma, o sistema colonial e escravista legara um enorme desprezo pelas trabalhadoras e trabalhadores braçais brasileiros, que eram e ainda costumam ser reduzidos à força de seus corpos. Um elemento fundamental dessa redução da própria condição humana dessas pessoas é sua exclusão da comunidade de falantes: ou eles são simplesmente calados ou sua capacidade linguística é depreciada e deslegitimada.

Ao longo do processo de industrialização, a partir dos preconceitos direcionados à figura do trabalhador assalariado, se reforçou o questionamento sobre sua condição de sujeito dotado de competência linguística semelhante à das classes médias e das abastadas. Isso porque, durante o período anterior, os escravizados eram concebidos e tratados como animais, ou seja, como seres praticamente destituídos da capacidade de dupla articulação da linguagem humana. Embora tenham surgido, mesmo que tardiamente, alguns ambivalentes e ainda escassos, mas crescentes reconhecimentos de legitimidade das práticas populares de linguagem, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, essa importante, mas insuficiente conquista, foi acompanhada por uma persistente conservação dos preconceitos contra a voz e a escuta do povo, contra suas formas de expressão e de compreensão.

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 18 10/03/2026 11:32

Nas circunstâncias de reivindicações e revoltas operárias, as discriminações da expressão popular se tornam ainda mais frequentes e intensas.

Diante desse quadro e dessa dinâmica gerais, torna-se necessário considerarmos a singularidade da existência e do funcionamento do preconceito contra o verbo, o corpo e a voz do povo em condições históricas e sociais precisas de sua presença e manifestação no espaço público. Considerando particularmente o contexto de grande efervescência operária do Brasil, tal como a que ocorreu no ano de 1917,[5] quais foram os preconceitos contra a fala pública popular reproduzidos pela imprensa paulista? Do que trataram e o que silenciaram seus textos, quando abordaram as formas populares de expressão? Como se formularam os enunciados metalinguísticos desses textos? Os preconceitos de linguagem foram conservados, modificados, superados e desconstruídos, na passagem dos veículos conservadores dessa imprensa para os alternativos, entre os quais se encontravam os jornais socialistas, comunistas e anarquistas? Para responder direta ou indiretamente a essas questões, analisamos aqui notícias, reportagens e textos editoriais que trataram de declarações, intervenções e pronunciamentos feitos por sujeitos envolvidos nos eventos públicos em torno da Greve Geral de 1917. Esses textos ora silenciaram os desempenhos oratórios populares de trabalhadoras e trabalhadores e ainda de suas e de seus porta-vozes ora os tematizaram, descrevendo e qualificando a expressão popular. Para coletar esse material, recorremos a edições de dois jornais paulistas produzidas naquele período: *A Plebe* e o *Correio Paulistano*. Ambos, cada um a seu modo, como veremos, promoveram a cobertura da organização dos movimentos operário e sindical na

5 Para mais informações sobre a Greve Geral de 1917 ver Khoury (1981), Lopreato (2000) e Giannotti (2007). Em nosso primeiro capítulo, dedicaremos um tópico à exposição de fatos, fatores e fenômenos dessa greve geral.

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 19 10/03/2026 11:32

cidade de São Paulo, em 1917. Esses dois veículos de imprensa se inscrevem em polos opostos do espectro ideológico: enquanto o *Correio Paulistano* é um típico jornal conservador da elite paulista, *A Plebe* se situa no campo progressista e consiste num dos principais jornais do movimento anarcossindicalista.

Para analisar a metalinguagem do preconceito e suas maiores ou menores modificações na imprensa paulista, foi preciso considerar as formas do silêncio[6] que se manifestaram nos textos do *Correio Paulista* e de *A Plebe*. Desde os primeiros contatos com esses dados, observamos a presença de uma série de formas de silêncio e de silenciamentos da voz e da escuta dos membros das classes populares, uma vez que, grosso modo, os textos do *Correio Paulistano*: i) permaneceram durante muito tempo em silêncio sobre o movimento operário, a atividade de greve e as práticas trabalhadoras de linguagem; ii) falam parcamente e de modo exclusivamente depreciativo a seu respeito, silenciando o que havia de justo e legítimo em suas manifestações; e iii) jamais outorgam a seus integrantes alguma voz, isto é, nunca há espaço para o discurso direto em que se projetaria a fala do operariado, assim como não há lugar para nada que seja diverso da posição ideológica conservadora, na qual o jornal se inscreve. Já os silêncios e silenciamentos presentes em *A Plebe* tendem a ser de outra natureza, conforme veremos no capítulo IV. Em todo caso, também o jornal anarquista não abre efetivamente espaço no qual poderiam ter sido projetadas as falas do operariado.

Com seu amplo poder de produzir textos e de difundi-los amplamente, a imprensa desempenha um papel decisivo na construção de opiniões, desejos e modos de vida bastante consensuais. Desse modo, ela recria e reforma certo consenso no qual a palavra operária é reduzida

6 Para o exame discursivo dessas formas do silêncio, a reflexão de Orlandi (1995) é fundamental.

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 20 10/03/2026 11:32

à boçalidade, à agressividade e à delinquência. Por meio dessa produção, reprodução e circulação dos discursos, se materializam as ideologias dominantes, com suas crenças, ideias e valores. Além disso, essa hegemonia discursiva incide direta e profundamente na manutenção de seu poder e na dos outros poderes dos poderosos. Com efeito, a dominação ideológica vai além de desvios e inversões da realidade, pois ela não se limita a um conjunto de falácias que distorce a forma como concebemos o mundo. Na verdade, seu poder é tamanho que ela constrói a realidade, na medida em que nos faz enxergar não só de forma diferente, mas também frequentemente de modo oposto às "mesmas" coisas do mundo.

É a partir das ideologias que concebemos todos os seres e objetos, todos os fenômenos e processos e ainda cada uma das relações que eles estabelecem uns com os outros. Como dissemos e voltaremos a constatar aqui, os discursos são um meio privilegiado de materialização das ideologias. Por sua vez, os próprios discursos se materializam privilegiadamente em textos e enunciados. Essa concepção materialista das relações sociais e da linguagem faz com que entendamos os textos e enunciados do *Correio Paulistano* e de *A Plebe* como materialização de discursos e, por extensão, de ideologias, que se reproduzem e se difundem desigualmente, criando de modo antagônico e desequilibrado nosso mundo, nós mesmos e o que pensamos, fazemos e falamos. Voltaremos a tratar sinteticamente dessa concepção materialista da linguagem, própria da Análise do Discurso, campo de conhecimento no qual fundamentamos este nosso *Palavra operária, palavra oprimida*, no início do capítulo III, antes de passarmos ao exame de textos e enunciados do *Correio Paulistano*.

Nossas análises se concentrarão em descrever e interpretar o que se diz sobre as práticas da expressão popular, em ambos os jornais, e as formas linguísticas pelas quais

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 21 10/03/2026 11:32

se formulam o que é dito a respeito das performances oratórias de operários, lideranças sindicais e intelectuais integrados ao movimento de organização trabalhista naqueles meses de junho e julho de 1917. Não se trata de um período qualquer, porque tudo o que ocorreu ali foi decisivo para o desfecho da vida futura das classes trabalhadoras em nosso país. A definição desse futuro operário nada promissor contou com a decisiva contribuição dos discursos mais ou menos hegemônicos. Por essa razão, as reflexões e análises de acontecimentos e documentos de nossa história não podem passar ao largo de um minucioso exame dos discursos, que aborda as coisas ditas não na direção para a qual elas apontam, mas, antes, considerando as condições históricas e sociais que as constituem.

A partir dessa abordagem discursiva, buscaremos responder àquelas questões que formulamos acima e ainda a estas outras: o que dizem os textos do *Correio Paulistano* e de *A Plebe* sobre as performances oratórias dos membros da classe operária? Há ou não distinção entre as coisas ditas e, se sim, de quais tipos, pelo veículo conservador e pelo anarcossindicalista a respeito das falas públicas dos operários? Os autores desses textos caracterizam diferentemente as falas dos trabalhadores, das lideranças sindicais e dos intelectuais dos movimentos trabalhistas? Quais são os recursos linguísticos empregados na formulação desses enunciados que tematizam os desempenhos oratórios de trabalhadores e de seus representantes? Quais são as memórias conservadas, retomadas, reformuladas e/ou apagadas na constituição de tais enunciados, quando se trata formulações vindas de um e de outro desses jornais? Com vistas a respondermos a essas e outras indagações, analisaremos especificamente textos e enunciados das edições desses dois veículos publicadas nos meses de junho e julho de 1917.

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 22 10/03/2026 11:32

No capítulo I, apresentamos alguns elementos das condições históricas nas quais os discursos analisados foram produzidos. Além de se tratar de uma necessidade teórica, essa apresentação busca ainda evitar a abordagem exclusivamente eurocêntrica que consiste em atribuir o início absoluto da organização trabalhista no Brasil à imigração europeia. Procuramos, dessa forma, contornar também versões ingênuas, mal informadas ou ainda mal-intencionadas da história, que consideram que passamos de um tipo de arranjo social a outro completamente diferente a partir de 1888. Em seguida, no capítulo II, consideramos a composição dos sindicatos operários, os prelúdios e a eclosão da Greve Geral de 1917 e ainda seus desdobramentos iniciais. Finalmente, são ainda contemplados em nosso segundo capítulo certos componentes da instalação e do desenvolvimento da imprensa no Brasil durante esse período.

Nos capítulos III e IV, nos dedicamos respectivamente a uma discussão sobre o *Correio Paulistano* e sobre *A Plebe*, tratando de sua história e de suas relações com as diferentes classes, setores e grupos da sociedade brasileira do início do século XX. Em seguida, em cada um desses dois capítulos, realizamos uma exposição do material selecionado, para que na sequência pudéssemos examiná-lo discursivamente. Antes disso, porém, conforme mencionamos, as leitoras e os leitores encontrarão no início do capítulo III uma sintética exposição de alguns dos fundamentais princípios teóricos e dos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso.

Esperamos, assim, que a leitura deste pequeno livro possa contribuir para que suas leitoras e seus leitores, não apenas aquelas e aqueles já familiarizados com a Análise do Discurso e relativamente bem informados sobre o fenômeno do preconceito de linguagem e de preconceitos afins, ligados ao ódio de classe, aprofundem seus conhecimentos

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 23 10/03/2026 11:32

tanto sobre o papel crucial desempenhado pela linguagem na luta de classes na história do Brasil quanto sobre os discursos dominantes na sociedade, que reproduzem e reforçam discriminações, opressões e exclusões. A condição hegemônica desses preconceitos e de suas terríveis consequências se deve, em larga medida, à frequente reiteração e à ampla circulação da ideia de que as pessoas do povo empobrecido e marginalizado não sabem falar e não têm o que dizer. Já tarda a hora de denunciarmos essa crença como um engodo, de desconstruirmos essa "verdade" que oprime e cala subalternizadas e subalternizados e de proclamarmos o fato libertário e emancipador de que todo ser humano pertence à comunidade dos falantes. A fala de cada uma e de cada um de nós é bem precioso e irredutível.

"Não chegaremos a lugar melhor algum, se mantivermos nossas bocas fechadas",[7] é uma das frases que o dramaturgo grego antigo, Eurípides, projeta numa das falas de Teseu, o lendário rei de Atenas, retratado ali como grande entusiasta da democracia. Um dos maiores obstáculos à escuta e ao desenvolvimento desse seu conselho são as depreciações, perseguições e supressões da expressão popular. Esse "cala a boca" tem uma longa história. Vamos tentar compreender aqui um de seus tristes capítulos.

7 Eurípedes (1999, verso 108, p. 1066).

palavra_operaria-id-2026_05_edufscar.indd 24 10/03/2026 11:32